

Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; G. Castello Branco; C. Dantas. G. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach. F. Caldeira; F. Palma; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

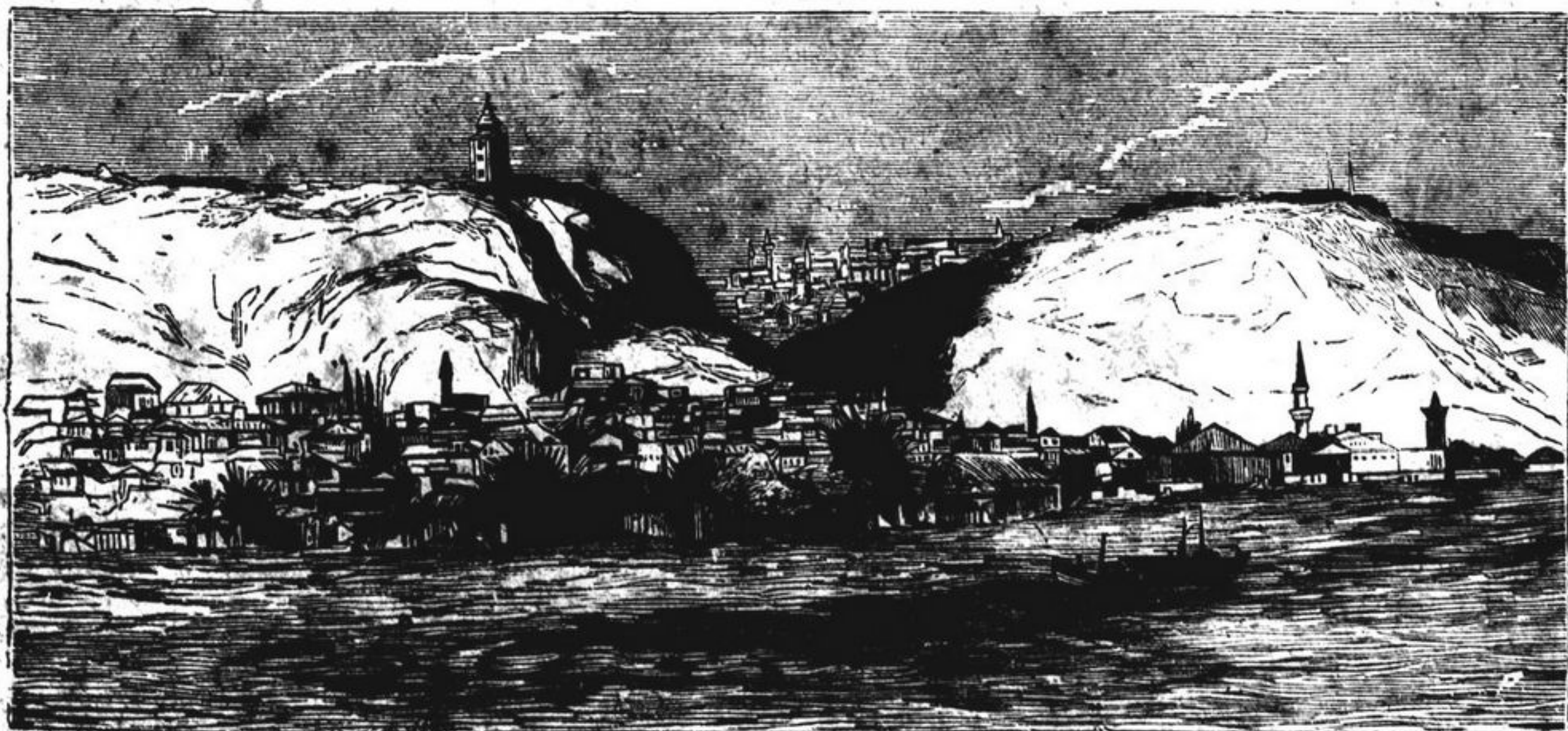
SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Azulay;—*Vida litteraria (A idade do roman-tismo)*, por D. Guiomar Torrezão;—*Os grandes portos commerciaes* (continuação), por Pinheiro Chagas;—*A ultima carta de Werther*, por Castor;—*Cesarão Verde*, por Silva Pinto;—*Defeza dos Açores*, (con-tinuação), por Alberto Telles;—*As nossas gravuras*;—*A leitura da Bi-blia*, conto, por Eduardo Sequeira;—*Em familia (Passatempos)*; *A rir*;—*Um conselho por semana*;—*Os dois amantes*, conto, por José Ma-ria da Costa.

GRAVURAS:—*Nicopolis*;—*A señoira Mercedes Martinez de Campos e o seu raptor, Mielvaque*;—*Manu'l Pinheiro Chagas*;—*Moldos*;—*Ernst Rudorff*.

CHRONICA

A *Illustração Portuguesa* entra hoje no seu quarto anno de publicação. Quando ella se fundou, a tentativa de um jornal barato nas suas condições, era um arrojo inaudito—hoje está sancionada pelo exito.



NICOPOLIS

Estamos no seculo do vapor e da electricidade; a vertigem do gozo devora as nações cultas. Vive-se hoje n'um dia o que se não vivia n'um anno, nos tempos medievos. Ao silencio tão poetico dos claustros e á tranquillidade dos salões feudaes, succedeu o *brouhaha* da vida moderna, utilitaria e positivista.

Sente-se que todos receiam morrer sem experimentar as mil invenções que surgem diariamente dos laboratorios e das officinas.

N'esta lucta de aperfeiçoamento, o typo caracteristico utilitario, é o barateio. Devido a esta corrente que democratiza todos os inventos, não ha quem deixe de gosar.

Uma das colossaes transformações artistico-industriaes, foi sem duvida a da arte da impressão e a da gravura. Graças á mechanica e á chimica, tornou-se possivel multiplicar até ao infinito o livro o jornal, e como consequencia d'isso, barateal-os até ao inverosimil.

Ha muito que lá fóra as illustrações populares formam o mais culto prazer do povo; em Portugal data de poucos annos, e a *Illustração Portuguesa* foi das primeiras a romper a marcha.

Na vertigem accelerada da existencia moderna, não ha tempo para compulsar in-folios: os jornaes e lantes tambem não dão senão a impressão fugitiva do facto. Foi preciso encontrar o termo medio, e esse achou-se nas revistas illustradas. Eis o que explica a salutar influencia d'estes periodicos especiaes, o devotado amor que todas as classes lhes dedicam, e a sua marcha progressiva.

A *Illustração Portuguesa*, ao entrar no seu quarto anno, sente-se orgulhosa do que tem feito, e acompanhando a evolução artistica em Portugal, tem a firmeza do que lhe cumpre fazer para sustentar dignamente o seu logar.

Ha quem diga que a nossa geração actual está muito definhada. Perfeito engano. Temos, para o desmentir, factos heroicos da mais pura evidencia.

Em Africa os nossos soldados batem-se como nos tempos epicos das conquistas. A patria estremece, commove-se e tem fé no futuro.

Em Lisboa, querendo-nos mostrar dignos dos nossos irmãos que arrostam com a morte na zona torrida, expomo-nos denodadamente ao calor tropical das nossas salas d'espectaculo.

E' devido, sem duvida, a este sentimento suggestivo, que as massas correm ao ataque das zarzuellas e das operas ligeiras da Trindade e do Colyseu.

E é preciso ter mais coragem do que se pensa, para isso.

A vasta sala do Colyseu, alegre e pittoresca, e cheia de tantas recordações deliciosas para muitos, seria certamente, pela sua amplitude, o unico *interposto* toleravel á livre expansão dos braços e das pernas do misero lisboeta, se um director habil, profundo conhecedor do publico, tomasse conta d'aquella *doka*.

Na sala da Trindade, para onde o Santos Junior foi votado ao ostracismo como os antigos athenienses, ha todos os inconvenientes de um desterro. Vê-se claramente que todos ali estão condemnados. As senhoras, afflictas com os chapeos, atiram com elles para a ribalta; os homens arremessam as bongalas; outros, arrancando as gardenias da *boutonnière*, juncam com ellas o palco; as damas, com mão convulsa, desprendem os *bouquets* do *corsage*. Voam flores no ar. Os lenços perfumados saem das algibairas e recolhem as camarinhas de suor. Grandes leques vermelhos, agitados furiosamente, fazem lembrar, vistos do alto dos camarotes, os vapores de rodas da carreira de Belem.

Mas tudo isso empallidece diante do caso extraor-

dinario da apparição de um *Paulus* portuguez no palco da Trindade.

Um bohemio chamado Lamas, que tem feito as delicias da mocidade dourada, sentiu o generoso desejo de fazer tambem as delicias d'aquelles condemnados da Trindade. E semelhante ao celebre padre americano que voluntariamente se desterrou para uma das ilhas Sandwich, onde são desterrados e abandonados para sempre os leprosos, facto que causou o entusiasmo de toda a republica norte-americana, o sr. Lamas quiz tambem levar as consolações, não da palavra evangelica, como o padre americano dos desterrados de Sandwich, mas da alegria fresca e saudavel dos condemnados ao calor eterno da Trindade.

Nota-se nos ultimos tempos uma certa tendencia, em certas classes da sociedade, em destacar recrutas para o theatro. Prova isto que a burguezia se vae convencendo de que a arte no theatro é tão nobre como em qualquer outro ramo das suas manifestações.

A manifestação do talento de Lamas foi uma surpresa. Parece que temos ali um artista.

O publico fez-lhe uma ovação desmedida e juncou-lhe de flores a estrada que elle pretende seguir.

Lamas apresentou-se a fazer o papel de *Rata segundo*, na revista hespanhola *La gran-via*.

O theatro encheu-se completamente, o que deita abaixo o dictado: ninguem é propheta na sua terra.

Sim, senhor; é-se propheta... quando se tem graça.

Um outro acontecimento foi a tourada do Tinoco.

Além do cavalleiro ser um rapaz sympatico e não ter apparecido ainda este anno na praça de Sant'Anna, havia o singular encanto, para os *aficionados*, de ser uma tourada de amadores: Tinoco, Vellez Caldeira, D. Antonio S. Martinho e Fiuza Guião, todos gentis, todos montados em soberbos cavallos, esplendidamente ajaezados.

O povo expansivo e alegre, o povo trabalhador gosta d'estes divertimentos ao ar livre, porque vê n'elles a destreza e a força, cousas em que é entendido, e porque a sua alma singela acha-se bem com o muito ar e a muita luz que enche a praça, batendo cruamente as physionomias contentes, embebendo-se nas côres vivas dos vestuarios, reflectindo-se nas bordaduras d'ouro e prata.

Isto explica a razão porque nos concelhos ruraes se levantam praças de touros e em Lisboa não ha senão uma. Quem examinar bem, hade notar que na praça de Sant'Anna apparecem muitos rostos provincianos.

Ao beneficio de Tinoco assistiram Sua Magestade a Rainha e o sr. infante D. Affonso.

O gentil cavalleiro, descendo do cavallo, prestou-se, a pedido do publico, a bandarilhar a pé um garraio bravo, mas pequeno. A ovação chegou ao delirio.

Estamos em plena effervescencia de patriotismo. Por toda a parte se vêem prodigios de heroicidade.

Os dignos parlamentares, para não ficarem atraz de outros cidadãos, resignam-se a discursar por mais quinze dias, a 30 graus de calor á sombra.

A patria contempla estes seus filhos dilectos, embevecida d'entusiasmo, e prepara-lhes uma recepção condigna nos respectivos circulos, isto é, nas respectivas praias. Porque é de suppor que os illustres deputados, depauperados por tanta eloquencia derramada a flux, e a concomitante transpiração, assim que se virem em ferias, sacudam as sandalias ás portas d'esta Babylonia de marmore e de granito e se apressem a mergulhar os seus ricos corpinhos nas salsas ondas azues do Atlantico.

Que Jehovah seja com elles.

VIDA LITTERARIA

A idade do romantismo

Bella idade essa, de palpitante enthusiasmo, de heroicas loucuras, de ingenuos ideais!...

E tão rapida tem sido a evolução das idéas, que dir-se-ha que entre a nossa época, profundamente desilludida, e essa epocha, exuberante de illusões, mediou um seculo.

Mas, imbuidos, embora, de outras theorias, creados com outro leite intellectual, rezando outra especie de *pater*, em que o vocabulo poetico foi substituido pela fórmula utilitaria, nenhum de nós, os que vamos descendo o ultimo plano inclinado do seculo XIX, nenhum de nós deixa de interessar-se vivamente por esses sublimes loucos que derrabaram os velhos idolos da arte e da litteratura, e que combateram em nome da nova inspiração, da liberdade nova, da idéa triumphante e indisciplinada, erguendo-se acima das poeirentes e doutas Academias e dos moldes consagrados pelo decrepito classicismo.

Sob a influencia da nossa actual educação, o romantismo apparece-nos como uma escola falsa, exaggerada, fóra de toda a verdade humana, pueril nos seus tresloucados arrebatamentos.

Sedentos de naturalismo, empenhados em tudo subordinar á observação, á analyse, á deducção, rigorosamente scientifica, sorrimos, com um vago desdem, ao evocarmos a memoria d'esses pallidos visionarios de grande cabelleira, que compunham romances, poemas e dramas, por entre as allucinantes miragens do *haschich*, e que pediam á antithese e á idealisação, todas as suas fantasticas efflorescencias, todo o seu colorido de uma violencia tintamarresca.

E todavia, o vigor d'essa geração de innovadores, a tumultuosa e indomita seiva d'essas organizações exaltadas, o imperio d'essa escola, foram tão grandes, que ainda hoje, em pleno regimen de Zola, de Darwin, de Spencer, de Comte, isto é, bloqueados de um lado pelo naturalismo victorioso e do outro pela sciencia infallivel, ainda hoje nós temos no sangue e nos ossos o romantismo, que empiricamente condemnamos.

Ultimamente, Philippe Burty emprehendeu uma interessante e curiosa historia da idade do romantismo em França, com as suas complexas fases e as suas estranhas phisionomias caracteristicas. Uma das mais attraentes, é a de Celestino Nanteuil, o impetuoso soldado da batalha do *Hernani*, o artista revolucionario, inimigo inconciliavel do burguez ventruado e methodico, apaixonado e constante desenhador das edições de Hugo.

O tempo, que transforma e empallidece as obras que brilharam em uma determinada epocha, productos do meio em que desabrocharam, exerceu tambem a sua influencia deprimente nos famosos desenhos de Celestino Nanteuil.

Hoje, os processos do artista parecem-nos ingenuos, e a sua incorrecção fere as nossas modernas susceptibilidades.

Quanta energia, porém, quanta fantasia palpitam n'essas tenebrosas allegorias, como que agitadas de um sopro apocalypicol ..

Mas a individualidade de Celestino Nanteuil, como homem, era muito superior á sua individualidade artistica.

Celestino Nanteuil era um apaixonado idolatra da renascença romantica, um admirador convicto do talento, em qualquer das suas manifestações, e um fiel e dedicado amigo. Foi elle um dos primeiros fundadores do *Pequeno Cenaculo*; o seu enthusiasmo por Victor Hugo attingia o fanatismo.

Alto, robusto, desempenhado, Celestino figurou na vanguarda dos intrepidos batalhadores do *Hernani*, muito disposto a esquarterjar o primeiro que se atrevesse a blasfemar contra o seu deus.

Para defender Victor Hugo contra qualquer dos seus numerosos detractores, Celestino Nanteuil era muito capaz de assassinar o idiota, que tivesse a impudencia de atirar pedras ao sol.

Calcule-se qual seria o jubilo do illustre desenhador, quando, em seguida á representação da *Lucrecia Borgia*, Victor Hugo lhe deu a honra de escolhel-o para companheiro, na projectada fuga com a actriz que desempenhou o papel da princeza Negroni, fuga que o poeta realisou por entre os recatados veus do mysterio...

Victor Hugo delinheu o itinerario.

A terra da promissão seria a Normandia.

Nanteuil recebeu a incumbencia de ir visar os passaportes, nos quais a menina Julietta (a actriz transfoga) deveria ser classificada na qualidade de irmã do artista. Nanteuil foi tambem encarregado pelo seu amigo Victor Hugo de alugar uma carruagem e um cavallo. As despesas combinou-se que fossem feitas em commum.

Celestino acceitou, encantado; a viagem foi deliciosa; no seu desejo, porém, de seguir o seu deus, Celestino esquecera-se de consultar o *porte monnaie*.

Ao regressarem a Paris, Victor Hugo, que não desejava ser visto, apeou-se á pressa e delegou no seu amigo o encargo de entender-se com o cocheiro e de pagar o aluguel, depois de entregar-lhe a importancia que lhe coubera em partilha.

Celestino Nanteuil não tinha um soldo na algibeira, mas não querendo dar parte de fraco, mettu-se em um cabriolet e mandou bater pelas ruas de Paris, á procura dos trezentos francos, arriscando-se a ficar de penhor no cabriolet, á falta de ter com que o pagar.

Pela existencia de Celestino Nanteuil passou, como uma tempestade sulcada de relampagos e obscurecida de nuvens, a paixão romanesca pela actriz Dorval.

Nanteuil amou-a loucamente, tolamente, a despeito do seu espirito finissimo.

Burty achou uma carta de Nanteuil, de um lyrismo sentimental, endereçada á célebre actriz, uma verdadeira epistola de collegial enamorado.

«Julga curar-me, escrevia o desenhador, impondo-me não tornar a vel-a! O cego que avistou o céu e que deixa de vel-o, é «bem» ais infeliz, porque sente tudo que perdeu!.. Os meus dias «passam-se a procurar meios de vel-a: quando não posso domi-nar-me, saio de casa e vou passar pela sua porta, contemplar «a casa que encerra o unico bem que invejo no mundo...»

Sente-se a sinceridade d'esse amor, na total ausencia de espirito que se nota na carta do pobre apaixonado.

O impetuoso Nanteuil estudara no atelier de Ingres, o eccentrico pintor que, violentando a vocação, teimava em querer por força que lhe admirassem, de preferencia aos seus bellos quadros, as desafinadas arcadas do seu violino.

As primeiras tentativas artisticas de Nanteuil foram uma luta sem treguas contra o jury, que era, n'essa epocha, de uma severidade feroz para os innovadores.

La jolie fille de la Garde, uma agua forte, serenou os animos e conquistou ao auctor a terceira medalha do Salon.

Hoje, os desenhos de Nanteuil, como todas as edições originaes dos romanticos, desdenhadas pela critica e avidamente disputadas por bibliophilos e colleccionadores, vendem-se a peso de oiro.

A collecção do *Monde Dramatique*, que custava outr'ora alguns soldos, custa hoje centenas de francos.

A despeito do seu apaixonado culto pelo glorioso *leader* do romantismo, Nanteuil não tinha ainda sido recebido por Victor Hugo, quando se realisou a primeira representação dos *Burgraves*.

Gautier foi procural-o e pediu-lhe que recrutasse os novos, para a *première*.

Nanteuil, com a alma desflorida de illusões, respondeu amargamente:

—Novos! é cousa que já não existe.

Contradizendo-se a si proprio, o desenhador levou para a primeira do drama toda a sua antiga embriaguez romantica, todo o exuberante e contagioso ardor da sua alma entusiasta, toda a vibrante sonoridade do seu temperamento.

Recolhendo, depois da representação da peça, ao quarto que habitava, conjunctamente com o pintor François, passou o resto da noite a recitar alguns dos versos dos *Burgraves*, que decorara.

N'essa crise de admiração pelo idolo dos seus cultos, Nanteuil encontrara novamente a chamma juvenil da sua credula mocidade, e tornara a ser um dos novos, de que descreia.

A falta de recursos forçou-o a acceitar ao imperio, que ex-crava, o logar de professor da Escola de bellas artes de Dijon.

Essa transferencia equivalia para Nanteuil a uma expatriação; acceitou-a, resignado e diguo, e abi o foi encontrar a guerra de 1870.

Algun tempo depois, o célebre artista exhalava o ultimo alento em Barbizon.

Charles Asselineau dedicou á memoria de Celestino Nanteuil uma especie de elogio funebre, que não se imprimio, e que completa o estudo feito por Gautier, d'essa phisionomia puerilmente sublime.

«Nanteuil, escreveu Asselineau, assimelha-se a um d'esses enormes archanjos thuriferarios que pairam sobre as cupulas das cathedraes gothicas, que se lembrasse, um dia, de descer á terra e de passear pelo meio dos burguezes atarefados, de nimbo á cabeça, em vez de chapéo de côco, sem suspeitar sequer que não é natural usar auréola na rua.»

OS GRANDES PORTOS COMMERCIAES

II

A descripção do magnifico porto de Anvers ou Antuerpia é de certo um dos melhores capitulos da excellente obra do sr. Loureiro. Depois de dar a respectiva noticia historica, sem esquecer a famosa *casa de Portugal*, em que no seculo XVI se faziam importantissimas transações com as ricas mercadorias que as nossas esquadras traziam do Oriente, passa o sr. Loureiro a descrever as obras d'esse vastissimo porto, que deveu o seu renascimento á poderosa iniciativa de Napoleão, e que n'estes ultimos tempos tem sido verdadeiramente transformado pelas obras vastissimas que alli se emprehenderam, e que o sr. Ferreira Loureiro divide justamente em duas partes, as obras emprehendidas para beneficio directo da navegação, e as obras para commodidade do commercio.

As primeiras consistiram na balisagem e na iluminação do rio, no aprofundamento dos passes, na rectificação das margens e dos canaes, na regularisação das correntes, na remoção das areias etc.

A 2.^a segunda cathogoria pertence mais directamente a abertura das dokas para receberem os navios e tornarem mais seguras as operações de carga e descarga, o estabelecimento de machinas e aparelhos para facilitar essas mesmas operações, a construcção de armazens, telheiros e depositos, de linhas ferreas, etc. Os armazens são extraordinarios, os do entreposto, que estão juntos com os outros, sem a grande separação que se lhe pertence dar em Lisboa, são magnificos. Teem cinco andares, e para os ultimos sobem as mercadorias levadas por guindastes.

Tudo isto tem augmentado por tal forma a importancia commercial de Antuerpia, que a tonelagem das entradas, que em 1822 era de 81:760 toneladas, subiu em 1882 a 3:453:294; quer dizer em sessenta annos augmentou 40 vezes.

Em 1882 o movimento exterior do porto foi de 8:896 navios e o interior de 56:070 embarcações provenientes ou com destino á Belgica, França, Alemanha e Hollanda.

O porto de Flessing é hollandez e está situado na foz do Escalda, sendo Antuerpia, como é sabido, um porto interior do mesmo rio. O governo hollandez tem feito os maiores esforços para desviar de Antuerpia para Flessing uma parte do movimento commercial, mas nada tem conseguido, apesar das despesas importantissimas que alli tem feito e está fazendo. O porto, diz-nos o sr. Loureiro, está absolutamente deserto.

Amsterdam, pelo contrario, a pittoresca cidade conhecida pelo nome de Veneza do norte, collocada á beira dos seus nultiplos canaes, cujas aguas se renovam frequentemente para não prejudicarem a saude publica, Amsterdam está prosperando extraordinariamente, desde que se abriu o canal que a põe em communicação com o mar do Norte.

Todos os portos hollandezes são muito curiosos e foram muito demorada e conscienciosamente estudados pelo sr. Loureiro: Ymuiden, situado no fim do canal que liga Amsterdam com o mar do Norte, e cujos molhes são muito originaes; Helder, o grande porto militar da Hollanda e o arsenal da sua marinha de guerra; Rotterdam, o porto commercial mais importante de toda a Hollanda. Este ultimo porto é muito digno de estudo; está situado entre o Mosa e o Rheno, em communicação fluvial com a Belgica e a Alemanha. Como tinha o defeito de ser o seu porto pouco accessivel, fizeram-se alli obras verdadeiramente monumentaes, e assim se conseguiu desenvolver immensamente a população e a prosperidade da cidade, o verdadeiro deposito de generos coloniaes, mercado onde toda a Europa se abastece. Tem tambem o seu entreposto, cuja bacia está situada no meio de todas as outras, e d'ellas separada por uma forte corrente de ferro.

Em seguida passou o sr. Loureiro á Alemanha, e visitou Hamburgo, a antiga cidade hanseatica, o porto franco que deve á isenção de direitos a prosperidade das suas industrias.

Tendo perdido porém o seu character de cidade livre, e achando-se encorporada no vasto imperio allemão, teve logo de se curvar ás exigencias da sua nova situação. Desde 1879 trata o principe de Bismarck de incluir Hamburgo no Zollverein ou na liga das alfandegas do imperio, não só porque não está disposto a perder os fartos rendimentos que se podem derivar d'aquelle importante commercio, mas tambem porque a liberdade do commercio alli existente não podia deixar de favorecer enormemente o contrabando.

O senado resistiu quanto pôde, mas teve em fim de ceder, com as seguintes condições, que transcrevemos do livro do sr. Loureiro:

1.^a Que houvesse no porto um districto franco, dentro do qual se concedesse toda a liberdade para o transito maritimo das mercadorias, e bem assim para o terrestre dos caes e dos depositos, ficando essas operações completamente isentas de qualquer inspecção ou gerencia aduaneira;

2.^a Que não fossem prejudicadas as grandes industrias de Hamburgo, cuja existencia dependia da liberdade de importação

ou de exportação de todos os productos que lhe diziam respeito;

3.^a Que o novo regimen fosse estabelecido tanto no serviço como no pessoal, de forma a não limitar o movimento que hoje tem aquella praça;

4.^a Que a entrada da cidade na associação das alfandegas fosse fixada para 1889, e que até lá se fizessem todas as obras e regulamentos precisos, e se procedesse á determinação dos limites do districto reservado para o porto livre de Hamburgo.

Para isso estão-se fazendo obras que importam aproximadamente em 24:000 contos de réis.

Sem quereremos por forma alguma fazer politica n'estes artigos, citaremos um trecho do livro do sr. Loureiro, que é tão appropriado ao que se passa entre nós, que não podemos deixar de transcrevel-o para esclarecimento d'aquelles que se interessam por estas questões, e que teem seguido o debate que se travou nas camaras e na imprensa ácerca do estabelecimento do entreposto livre ou do districto franco do porto de Lisboa:

«Para os vastos armazens e depositos que vão tornar-se precisos no districto livre de Hamburgo, foram primeiro propostos os terrenos da margem esquerda do rio, onde poderia effectivamente cortar-se á larga, «mas d'onde resultaria o seu afastamento do centro do commercio». As transacções effectuadas, como em Londres, nas proprias dokas e nos seus armazens á vista só das amostras, não estavam nos usos de Hamburgo, e seria perigoso implantar ali um systema, que importava uma completa innovação e que levantaria receios ou mesmo hesitações. N'estas circunstancias, resolveu-se collocar-os na margem direita e nos terrenos da cidade situada entre o Binnen-hafen, o Zoll-Canal e o Sandthor-hafen.

Ainda para isto se dividiram as opiniões, e diversificaram os projectos, sendo muito difficil senão impossivel determinar ao certo as mercadorias que hoje existem espalhadas pela cidade, e que haveria necessidade de recolher no deposito do porto franco e bem assim a natureza d'essas mercadorias, segundo a qual os depositos tinham de satisfazer a condições especiaes».

Para satisfazer a todas estas condições não houve remedio senão fazer largas expropriações e desalojar dezenas de milhares de habitantes.

Atravessando a Europa, foi o sr. Loureiro visitar os portos italianos, começando por Genova, que se está transformando completamente, porque o seu velho porto já não é bastante para o largo desenvolvimento que está tendo o seu commercio.

Veneza não está tão abatida como se supõe, e apesar da proximidade de Trieste, o seu commercio mostra ir-se desenvolvendo cada vez mais. E' curioso o aspecto d'aquella cidade edificada em 122 ilhas ligadas entre si por 400 pontes. Tem-se alli feito importantissimas obras hydraulicas, que datam da fundação da republica, que foram desenvolvidas por Napoleão I, o homem cuja infatigavel acção se fez sentir em todos os pontos da sua vasta monarchia, que levantou Veneza do seu abatimento, como levantou Antuerpia. Um dos estabelecimentos mais importantes de Veneza é o seu extraordinario arsenal, que data do seculo XI, e que tem sido n'estes oito seculos decorridos constantemente augmentado.

Visitou em seguida o porto de Napoles com a sua magnifica bahia, rival em belleza da nossa, e onde se estão fazendo obras hydraulicas de grande importancia, os portos visinhos de Torre dell'Annunziata, Torre del Greco, etc., e foi depois ver o porto de Messina. Demorou-se apenas 4 horas n'esta cidade da Sicilia e aproveitou o tempo observando de corrida o porto, que é excellente, que tem uma profundidade de 40 metros e um notavel movimento de navegação.

Finalmente, subindo de novo o Adriatico, foi o sr. Loureiro visitar Trieste, porto franco ainda, mas que terá, talvez, dentro em pouco a sorte de Hamburgo, porque o governo austriaco está vendendo tambem com maus olhos fugir-lhe dos cofres o importante rendimento que do importantissimo commercio de Trieste lhe podia advir.

O que ha de mais curioso em Trieste, onde tambem se estão fazendo obras importantes para o melhoramento do porto, é o famoso arsenal do Lloyd austriaco, essa importantissima companhia que se fundou em 1852, e que adquiriu tal importancia, que hoje tem, por assim dizer, em Trieste, uma enseada sua, estabelecimentos maritimos perfeitamente seus.

O que se nota, percorrendo-se este livro do sr. Ferreira Loureiro, e temos de reservar ainda para outro artigo a analyse do resto do seu 2.^o volume, é que em todas as cidades maritimas que visitou, francezas, belgas, hollandezas, allemãs e italianas, encontrou obra do porto em plena actividade, tanto na magnifica bahia de Napoles como no porto de Rotterdam. E entretanto em Portugal, tanto em Lisboa como no Porto, tanto na Horta como em Ponta-Delgada, ou não se trabalha, ou só ha pouco tempo se iniciaram os grandes trabalhos ou se deu um certo impulso aos existentes.

E o que se nota tambem é que os mais pequenos, e apparentemente mais insignificantes portos da Europa, teem um movimento maritimo igual ao de Lisboa, e que os grandes portos, como os de Marselha, de Antuerpia, de Borden ou Hamburgo, lhe são enormissimamente superiores.

PINHEIRO CHAGAS.



A SEÑORITA MERCEDES MARTINEZ DE CAMPOS E O SEU RAPTOR, MIELVAQUE

A ÚLTIMA CARTA DE WERTHER

Ouvindo bater as dez horas da noite, o desgraçado Werther, o *epileptico larvado*, como hoje o appellidariam os alienistas modernos, deu ordem para que mettessem mais lenha no fogão e lhe trouxessem uma garrafa de vinho.

Depois, assentando se á banca, á mesma banca onde tantas paginas luminosas traçara, escreveu a seguinte carta, que foi a ultima, o seu canto de cysne.

«Tudo é sereno em torno de mim, e a minha alma participa d'essa serenidade. Rendo-te graças, meu Deus, por me teres concedido tanta coragem e tanto valor n'estes derradeiros momentos!

«Aproximo-me da janella, ó minha cara amiga, e vejo ainda no eterno ceu brilharem algumas estrellas isoladas atravez as nuvens procellosas que correm por sobre a minha cabeça. Astros rutilantes, vós não cahireis nunca, não! O Eterno acolhe-vos no seu seio, como vae dentro em breve acolher-me.

«Lá fulge a Ursa-Maior, a mais bella de todas as constellações. Quando eu, á noite, sabia da tua casa, via-a sempre brilhar em frente da porta! Com que extasi a contemplei muitas vezes, erguendo as mãos para ella e tomando-a como testemunha da minha ventura! E até mesmo... Que saudades a tua lembrança evoca no meu espirito, ó cara Lolotte! E' que tu cercas-me por todos os lados, absorves-me!

«O teu querido retrato! Devolvo-t'o, querida, lego-t'o, conjuro-te a que o honres. Imprimi n'elle milhares de beijos; mil vezes os meus olhos o sandaram, quando sabia de minha casa ou quando n'ella entrava.

«Escrevi a teu pae, pedindo-lhe que protegesse o meu cadaver. Ha ao fundo do cemiterio, no canto do lado de campo, duas formosas tilias: é ali que eu desejo repousar. Elle fará isso pelo seu amigo; pode fazel-o. Junta as tuas supplicas ás minhas. Não espero que os piedosos christãos queiram fazer-se enterrar junto do cadaver d'um desgraçado. Desejava ser deposto n'algum valle solitario ou sobre a orla d'uma longa estrada, para que o padre e o levita podessem levantar os olhos ao ceu e dar graças ao Senhor, passando perto do meu tumulo, enquanto o Samaritano consagrasse uma lagrima á minha sorte.

«O' Lolotte, eu seguro com mão firme este calix onde devo beber a vertigem da morte. Tu apresentas-m'o, e eu recebo-o sem tremer. Todos os meus votos estão cumpridos, todas as esperanças da minha vida realisadas. Vou transpor com sangue-frio a porta d'aço da eternidade. Porque não tive eu a fortuna de morrer por ti, de me dedicar por ti, Lolotte? Morreria contente e satisfeito, se podesse restituir-te o socego, a ventura da tua vida. Mas ai de mim! Só a alguns heroes foi dado derramarem o seu sangue por aquelles que lhe eram caros, concedendo-lhes, ao morrer, uma vida nova e centuplicada.

«Eu quero, minha Lolotte, ser enterrado com as roupas que tenho agora vestidas. As tuas mãos tocaram n'ellas: são sagradas. Tambem pedi este favor a teu pae. A minha alma esvoaça sobre o meu tumulo. Desejo que não rebusquem os meus bolsos. Levo commigo aquelle laço de fita côr de rosa, que tinhas posto no seio, no primeiro dia em que te vi, rodeiada de teus filhos.

«Teus filhos! Dá-lhes mil beijos e conta-lhes a sorte do seu infeliz amigo. Adoradas creanças, parece-me vel-as saltar em torno de mim!

«Como eu me prendêra a ti, boa amiga! Desde aquelle dia nunca mais te abandonei.

«Quero que este laço de fita seja enterrado commigo. Fizeste-me presente d'elle no dia dos meus annos. Como eu era feliz! Não previra ainda que este caminho me conduzia ao ponto onde cheguei. Socega, peço-te; socega...

«Estão carregadas... Dá meia noite! Partamos... Lolotte! Lolotte! Adeus! Adeus!...»

Um visinho vio o clarão da polvora e ouviu a detonação, mas não fez caso, porque não notou em seguida ruido algum.

No dia immediato, pela seis horas da manhã, o creado entrou no quarto com luz, encontrando seu amo estendido por terra, e banhado em sangue...

Nós não sabemos, e comnosco ignora-o muita gente ainda, se o pobre Werther existiu realmente, ou se não passou d'um personagem de romance creado por Goethe para nos mostrar as dores das almas enervadas do seculo XVIII e o estado da Allemanha moral na vespera das grandes revoluções que se preparavam. O que se sabe é que o livro do immortal escriptor allemão teve um successo espantoso na Allemanha e em toda a Europa, arrastando a sua leitura centenaes de desgraçados ao suicidio.

Hoje, se podesse escrever-se um romance d'aquelles, ninguém o lia; ou se alguém chegasse a lel-o, em vez de disparar um revólver na cabeça, disparava uma gargalhada nas faces do auctor.

E' que os Werther acabaram. Os hallucinados de hoje, os *epilepticos larvados* hodiernos não se matam já, por amor de nenhuma Lolotte estremeçada. Amam os individuos do seu sexo—ó monstruosidade inaudita!—e deu-lhes a epilepsia para os matarem, por *ciúme*, nas ruas publicas.

A sociedade do seculo XVIII produzia Werters e Lolottes. A de hoje produz Marinheiros da Cruz.

Em cem annos, tem-se progredido muito, como se vê.

CASTOR.

CESARIO VERDE

Esta manhã dei-me a pensar que está proximo o dia 19 de julho de 1887. E' o primeiro anniversario da morte de Cesario Verde. E por esse tempo, ha um anno, estava um calor medonho, como agora. Até me lembra de eu haver dito a outro grande poeta e outro grande amigo—Narciso de Lacerda:—Que temperatura para os pulmões do Cesario!

Vae fazer um anno...

Não sei se notaram já—os meus amigos: Quando nas horas negras nos refugiamos n'um livro, esse livro apresenta-nos uma pagina, um periodo, uma phrase, que nos consola—amargurando-mais ainda. Assim, eu passava em revista, a proposito d'aquella morte e d'aquelle morto, as ingratidões e as traições soffridas em vinte annos e o intoleravel da vida quando o entusiasmo desaparece e a nossa alma vê troncos sem folhas e sem flores. E d'ahi refugiei-me n'um livro—o primeiro que me appareceu á mão.

Le Lepreux de la cité d'Aoste, de Naxier de Maistre:

—E' a rosa sem espinhos dos Altos Alpes; quando a cultivam lança espinhos como as outras.

—E' o symbolo da ingratidão.

Fechei o livro.

Decorreram dez minutos. Reabro o livro, n'outra pagina.

—No retiro da sua cella hade encontrar a paz todo aquelle que amar esse retiro.

Vem da *Imitação de Christo*.

Torno a fechar o livro.

Vae fazer um anno. A ultima vez que eu vi o Cesario foi n'um pinhal de Caneças. Elle estava com a familia: o pae, a mãe e o nosso querido Jorge—o irmão bem-amado, intelligente e bom. Conversámos. Elle teve um gracejo triste, com a sua voz surda, demudada:—«Estou tomando a *seiva de pinheiro*, sem intervenção da botica.» Sorri, chorando. E elle:—Na Praça da Figueira, ha fructas alegres e vivas: pois não ha? Os damascos, as cerejas: diz-me todo esse encanto!

E eu, que amanhã diria as ultimas á convenção renascida, estava alli a balbuciar e a tremer:

—Ha muita fructa bonita, meu amigo...

E estivemos, muito tempo, a olhar:—elle a eternidade de além e eu o sem fim da minha miseria. Depois, separámo-nos. Elle ficou a porta da caza, com o pae e a mãe e o nosso Jorge e o medico amigo e bom. Eu, ao fim do caminho, voltei-me e disse-lhe adeus. Estou a vê-lo: cazaco azul abotoado até á barba; e o semblante perdido; os cabellos louros empastados pelo suor... Só os olhos doces tinham a expressão inalteravel de severa doçura,—o triste, o severo, o honesto olhar!

Quando o perdi de vista, deixei-me cair de braços sobre a relva; e alli, sem que os homens me vissem, pedi ao bom Deus que me levasse...

Fiquei.

Espantosa hora! Morreu hoje; sepulta-se amanhã. Meu amigo! Meu filho! Os meus cabellos brancos que vieram antes de sação propria, são documentos de minhas dores: são a base da minha saudação. Saúdo a tua memoria muito amada; saúdo o teu nome; vejo o teu rosto sereno; aperto reconhecido a tua mão firme e honesta; e digo ao teu Jorge—ao nosso querido Jorge—que



MANUEL PINHEIRO CHAGAS

não esqueço, que não esquecerei nunca, meu grande poeta, meu infeliz amigo, meu pobre filho!

SILVA PINTO.

NOITE FECHADA

(L.)

Lembras-te tu do sabbado passado,
Do passeio que demos, devagar,
Entre um saudoso gaz amarellado
E as caricias leitosas do luar?

Bem me lembro das altas ruasinhas,
Que ambos nós percorremos de mãos dadas:
A's janella: palavram as visinhas;
Tinham lividas luzes as fachadas.

Não me esqueço das cousas que disseste,
Ante um pesado templo com recortes;
E os cemiterios ricos, e o cypreste
Que vive de gorduras e de mortes!

Nós saíramos proximo ao sol-posto,
Mas seguíamos cheios de demoras;
Não me esqueceu ainda o meu desgosto,
Nem o sino rachado que deu horas.

Tenho ainda gravado no sentido,
Porque tu caminhavas com prazer,
Cara rapada, gordo e presumido,
O padre que parou para te ver,

Como uma mitra a cupula da igreja
Cobria parte do ventoso largo;
E essa bocca viçosa de cereja,
Torcia risos com sabor amargo,

A lua dava tremulas brancuras,
Eu ia cada vez mais magoado;
Vi um jardim com arvores escuras,
Como uma jaula todo gradeado!

E para te seguir, entrei comtigo
N'um pateo velho que era d'um canteiro,
E onde, talvez, se faça ainda o jazigo
Em que eu irei apodrecer primeiro!

Eu sinto ainda a fiôr da tua pelle,
Tua luva, teu veu, o que tu és!
Não sei que tentação é que te impelle
Os pequeninos e cançados pés.

Sei que em tudo attentavas, tudo vias!
Eu por mim tinha pena dos marçanos,
Como ratos, nas gordas mercearias,
Encafurrados por immensos annos!

Tu sorrias de tudo: Os carvoeiros,
Que apparecem ao fundo d'umas minas,
E á crua luz os pallidos barbeiros
Com oleos e maneiras femininas!

Fins de semana! Que miseria em bando!
O povo folga, estúpido e grisalho!
E os artistas d'officio iam passando,
Com as ferias, ralados do trabalho.

O quadro interior, d'um que á candêa,
Ensina a filha a ler, metteu-me dó!
Gosto mais do plebeu que cambalêa,
Do bebado feliz que falla só!

De subito, na volta de uma esquina,
Sob um bico de gaz que abria em leque,
Vimos um militar, de barretina
E galões marciaes de pechisque,

E enquanto elle fallava ao seu namoro,
Que morava u'um predio d'azulejo,
Nos nossos labios retinio sonoro
Um vigoroso e formidavel beijo!

E assim ao meu capricho abandonada,
Errámos por travessas, por viellas,
E passámos por pé d'uma tapada
E um palacio real com sent'nellas.

E eu que busco a moderna e fina arte,
Sobre a umbrosa calçada sepulchral,
Tive a rude intenção de violentar-te
Mbecilmente como um animal!

Mas ao rumor dos ramos e d'aragem,
Como longiquos bosques muito ermos,
Tu querias no meio da folhagem
Um ninho enorme para nós vivermos.

E ao passo que eu te ouvia abstractamente,
O grande pomba tépida que arrulha,
Vinham batendo o macadam fremente,
As patadas sonoras da patrulha,

E atravez a immortal cidadezinha,
Nós fomos ter ás portas, ás barreiras,
Em que uma negra multidão se apinha
De tecelões, de fumos, de caldeiras.

Mas a noite dormente e esbranquiçada
Era uma esteira lucida d'amor;
O jovial senhora perfumada,
O terrivel creança! Que esplendor!

E ali começaria o meu desterro!...
Lodoso o rio, e glacial, corria;
Sentámos-nos, os dois, n'um novo aterro
Na muralha dos caes de cantaria.

Nunca mais amarei, já que não amas,
E é preciso, decerto, que me deixes!
Toda a maré luzida como escamas,
Como alguidar de prateados peixes.

E como é necessario que eu me afoite
A perder-me de ti por quem existo,
Eu fui passar ao campo aquella noite
E andei leguas a pé, pensando n'isto.

E tu que não serás sómente minha,
A's caricias leitosas do luar,
Recolheste-te, pallida e sósinha
A gaiola do teu terceiro andar!

CESARIO VERDE.

DEFEZA DOS AÇORES

1581-83

II

(CONTINUADO DO N.º 52 DO 3.º ANNO)

A armada hespanhola demorou-se ainda nos Açores, e foi vista por duas vezes da Terceira: em agosto, com outras muitas vélas, que eram as naus das Indias, e no principio de setembro, com os galeões de D. Galcerán Fenollet, em que ia uma expedição importante sob as ordens do mestre de campo, D. Lope de Figueiroa, para se apoderar d'aquella ilha.

Empenhou-se D. Pedro de Valdés em persuadir Francisco de Luján e D. Antonio Manrique, que regressavam das Indias occidentaes, a tentarem um desembarque na Terceira, para reparar o recente desastre que alli soffrera; mas os precavidos generaes, receando a tremenda responsabilidade de um revez, não quizeram de modo algum convir na proposta. Encontrando-se logo depois a frota de Valdés com a de Figueiroa, approximaram-se ambas da costa da Terceira, a cujos habitantes enviaram proposições pacificas; e, tendo feito o reconhecimento da ilha, não tornaram a apparecer.

O achar-se a estação já muito adeantada para dar começo ás operações militares, foi a razão, adduzida officialmente, de uma retirada que não tem explicação bastante, em vista das ordens de Philippe II, das forças da expedição e do estado da ilha, por assim dizer, indefeza. Com effeito, a armada de Fenollet ia reunir-se á de Valdés, a quem devia obedecer «hasta llegar a la dicha isla Tercera y echar en tierra la gente de guerra que va en ella para la empresa della. ¹» Eram 2:000 a 2:200 soldados hespanhoes e allemães; e esta força, bem dirigida, não seria então sufficiente para reduzir a ilha á obediencia? Parece-nos bem que sim; mas affirmam os despachos de Valdés ² que a persistencia do mau tempo não deu logar ao desembarque da infantaria de Figueiroa, e accrescentam que os offerecimentos de paz e de perdão enviados para terra, não só não obtinham resposta, mas eram até repellidos a tiro os emissarios castelhanos. O certo é que as duas armadas, fazendo-se ao largo no dia 7 de setembro, e sumindo-se para sempre na orla do oceano, encheram de contentamento os insulanos, que viram, felizmente, malograda essa expedição mandada contra elles.

Cypriano de Figueiredo e Vasconcellos cuidou então imme-

¹ La conquista de los Azores, pag. 196.

² Idem—pag. 224.

diatamente de lançar mão de todos os recursos para assegurar a defesa da ilha Terceira, que foi sempre considerada a principal dos Açores, já por ser a séde do supremo governo ecclesiastico e militar, já porque era a escala forçada da navegação na derrota das Índias, frequentada e enriquecida pela continuação das naus de S. Thomé e do Brazil, dos galeões de Mina e das esquadras de Portugal e de Castella. ¹ Um dos seus primeiros actos foi collocar à frente das companhias, que eram muitas, na cidade, nas villas da Praia e de S. Sebastião, e por todas as freguezias, pessoas que mereciam toda a sua confiança, porque «os nobres da terra, alguns d'elles, ou a maior parte, não havia que confiar n'elles. ² Distribuído-os pelas diferentes companhias, como lhe pareceu mais acertado, determinou prover com ellas as fortalezas que já havia e outras que depois se fizeram.

Entrava já o inverno quando se procedeu activamente ás obras de fortificação, concluindo-se com brevidade o forte de Santo Antonio na ponta do monté Brazil, que forma um dos lados do porto de Angra, e defronta o castello de S. Sebastião, — outro entre o forte de Santo Antonio e o Porto Novo, dentro na bahia — e outro, do lado opposto do mesmo monte, na ponta do Zimbreiro, que domina a enseada de Fanal. Continuando na direcção do poente, para lá da Silveira, se fizeram ainda outros fortes, na Prainha e na bahia do Alcaide, e mais para deante em S. Matheus e na Calheta, levantando-se trincheiras d'ali até á Serreta, e muros onde foi necessario por ser a costa brava. Para as bandas de leste se construiu outro forte no valle de Estevam Ferreira, assim como trincheiras e alguns baluartes, e dois fortes na Casa da Salga e outro no Porto Judeu. Adeante da villa de S. Sebastião, no Porto Martim e na Praia e d'ali até os Biscutos se levantaram ainda mais fortes e muralhas: «de maneira que toda a ilha em roda foi em breve tempo cercada de fortes, e de forte em forte, por muros e trincheiras.» ³

Havia entretantes chegado a Lisboa a noticia da victoria da Salga, e é facil avaliar o effeito que ella produziu no animo sombrio de Philippe II. D. Pedro de Valdés foi logo preso e processado, e, se não pagou com a vida a temeridade de haver ultrapassado as ordens do soberano, deveu-o unicamente ás instantes sollicitações de amigos poderosos.

Termina aqui naturalmente a primeira parte da lucta vigorosa e prolongada para levar os Açores a reconhecerem o usurpador. A segunda, enredada em tramas occultos e astucias diplomaticas, comportaria largo desenvolvimento, se não tivéssemos de cingir-nos á apreciação da obra do sr. Fernández Duro.

III

São dos primeiros dias de 1582 as instrucções de Philippe II ao marquez de Santa Cruz, a quem ia ser agora confiada a difficil empreza de tomar a Terceira.

Não ha duvida que o fim da expedição era esse, sem embargo do que affirma o sr. Fernández Duro, como vimos atraz: — «para ir á la empresa de la isla de la Tercera, por no haber venido hasta agora á mi obediencia y servicio» — dizem logo as primeiras linhas. D. Antonio, refugiado em França desde setembro, andava a pedir com os seus parciaes o auxilio d'aquella nação, que se mostrava inclinada a dar-lh'o. Mas, na memoria do sr. Fernández Duro, que encerra numerosos documentos, é certamente para notar-se que nenhum se encontre sobre o assumpto. E como de setembro a janeiro decorreram apenas tres mezes, não seria ainda cedo para haver informações positivas e seguras a tal respeito?

Compunha-se de vinte e sete naus e cinco patachos-avisos a primeira divisão da armada do marquez de Santa Cruz; e a segunda, aparelhada em Cadiz, sob o commando de Juan Martinez da Recalde, era de vinte naus: mas, tendo sido dispersada pelos temporaes na costa do Algarve, só muito tarde poderam reunir-se alguns dos seus navios aos do marquez de Santa Cruz.

Ninguém ignora como esse illustre capitão, depois de ter chegado a S. Miguel, avistou a armada franceza, em que ia o prior do Crato; como este, mal aconselhado ou pusillanime, fugiu para a Terceira nas vespervas de uma acção que seria decisiva para a sua causa; e, finalmente, como D. Alvaro de Bazán, patenteando os dotes elevados de verdadeiro homem de guerra, praticou actos de bravura e destroçou nas aguas de Villa Franca do Campo a esquadra franceza, da qual, logo no começo da batalha, fugiram dezoito urcas commandadas por Saint-Solenne, que se

¹ *Relação das cousas etc.* I, pag. 159 — Rebello da Silva — *Historia de Portugal*, t. III, pag. 23 — Ainda em 1834 o decreto de 4 de junho, que elevou o archipelago dos Açores á cathogoria de provincia do reino de Portugal, declarou no art.º 2.º que a cidade de Angra era a capital da provincia.

² *Relação das cousas, etc.* XXI, pag. 230.

³ *Idem* — XXV, pag. 336. A emuneração dos fortes e sua artilheria desde Angra até á villa da Praia occupa seis paginas do livro do sr. Fernández Duro (442-448). Nella vem os nomes dos fortes do areal da Praia, alguns dos quaes ainda deram fogo na gloriosa acção de 11 de agosto de 1829: foram os de — *Santa Catharina do Cabo da Praia* — *Santo Antão* — *Chages* — *Luz* — e *Santa Cruz*. Os outros estavam então em total ruina, conforme se lê na *Historia da Guerra Civil* do sr. S. J. da Luz Soriano, 3.ª ep. t. III, p. I, pag. 294, nota.

vendera por oitenta mil ducados e fôr a saquear o Faial. ¹ E' tambem sabido que o marquez de Santa Cruz, violando as leis da guerra, não poupou a vida aos desventurados prisioneiros, mandando decapitar oitenta nobres na praça de Villa Franca, enforçar trezentos soldados e marinheiros nas vergas dos navios, e punir outros com as galés. ² Escusado, porem, é repetir a narração d'esses factos. Melhor se prendem ao fio d'este estudo a entrada em Lisboa do victorioso almirante, e as considerações a que ella naturalmente se presta.

(Conclúe)

ALBERTO TELLES

¹ Sr. Camillo Castello Branco — *Sentimentalismo e Historia*, 2.ª ed. pag. 268.

² Antes do sr. Fernández Duro o absolver d'essa feroz matança já o nosso Rebello da Silva (*Historia de Portugal*, t. III, pag. 65) ensaiára uma explicação airosa, dizendo que elle procedera coacto, em cumprimento das ordens do seu rei, tão deshumano, que foi appellidado o *Demonio do Meio-Dia*.

AS NOSSAS GRAVURAS

NICOPOLIS

Esta palavra grega quer dizer: *Cidade da Victoria*. Em linguagem bulgara o seu nome é *Nebol*. E' uma cidade fortificada da Turquia europeia, assente na margem direita do Danubio, a 160 kilometros para o sueste de Widdin.

E' arcebispo grego e bispo catholico e caracterisam-se as suas synagogas e mesquitas. Tem um commercio muito importante pelo Danubio. A sua população é de 12:000 habitantes.

Esta cidade, fundada por Trajano para perpetuar a recordação da sua victoria contra os dacios, é celebre pelas duas batalhas que ahi ganhou, em 1393 e 1396, o sultão Bajazet, primeiramente ao rei de Hungria, depois aos barões francezes que iam em soccorro d'este principe, commandados por João sem medo e Philippe d'Artois.

A SEÑORITA MERCEDES MARTINEZ DE CAMPOS E O SEU RAPTOR, MIELVAQUE

Já figurára ha seis annos como heroína n'um divorcio curiosissimo, em Madrid, e acaba de figurar agora, em Paris, n'um rapto não menos curioso.

Conforme os nossos leitores estarão lembrados, Mercedes Martinez de Campos despoçou em tempo o conde de Santo Antonio, filho do marechal Serrano, mas esta união durou o tempo que vivem as rosas. Ao cabo de tres annos, Mercedes intentou um processo de nullidade de casamento e ganhou a causa, sendo descaçada pelo Papa.

Por intermedio d'um antigo deputado radical hespanhol, advogado muito habil, Mercedes de Campos, além de conseguir a separação, conseguiu trazer do seu *ménage* infeliz a respeitavel cifra de sete milhões, com que fôra dotada.

Depois de recuperar a liberdade, foi installar-se n'uma casa mobilada da rua Christovão Colombo em Paris, onde vivia modestamente, com uma dama de companhia, madame Bon, mulher de 55 annos de idade, que a vigiava escrupulosamente, tendo sobre ella um ascendente incontestavel.

Madame Bon acompanhava Mercedes para toda a parte, receiando qua a sua pupilla, joven de 26 annos, rica e legalmente livre, cujo character impressionavel e nervoso conhecia de sobejo, commettesse alguma loucura.

Apezar, porém, de toda a vigilancia, Mercedes de Campos encontrou na igreja de S. Pedro de Chailot um rapaz de phisionomia sympathica e bigodes retorcidos, que dizia chamar-se o visconde Lacour de Garbeuf, e que conseguiu impressional-a vivamente.

Dias depois, o visconde, que na realidade se chama Mielvaque, apresentou-se em casa de Mercedes; mas madame Bon, rebelde a todo e qualquer projecto de casamento, pôl-o delicadamente na rua. Ferido no seu amor proprio, Mielvaque jurou vingar-se e planeou com a encantadora Mercedes um rapto, que se realison em pleno dia no Bosque de Bolonha, diante da vigilantissima dama de companhia.

Alguns amigos do namorado feliz auxiliaram este rapto, que foi largamente narrado e commentado por todas as folhas parisienses e madrilenas.

Deixando o Bosque em carruagem, os dois fugitivos percorreram os arredores de Paris e alojaram-se depois em Montmoureny, n'uma villa previamente alugada por Mielvaque, demoran-



MODAS

do-se ali quatro dias, findos os quaes partiram para Inglaterra, onde se realisará o casamento.

Mercedes declarou ao embaixador de Hespanha e disse nos jornaes mais lidos de Paris, que seguira Mielvaque muit o de sua livre vontade. A familia da raptada procura por todos os meios contrariar o casamento com Mielvaque, allegando que este é um libertino caçador de dotes, mas Mercedes attingiu a sua maioridade, e, perante a lei, é senhora absoluta das suas acções.

MANUEL PINHEIRO CHAGAS

Nasceu para ser aguia, para viver nos pincaros. Mesmo quando vò a terra a terra, tem um bater de azas seguro e rijo.

O seu logar é sempre entre os primeiros, em qualquer parte que a sua pasmosa actividade se fixe. Em tudo o que faz imprime o cunho da sua intelligencia rarissima. Talento fóra do commum, educado com todo o vigor do encyclopedismo moderno, e dotado com os recursos naturaes de uma memoria prodigiosa, tudo lhe é familiar, tudo sabe, tudo conhece, com uma segurança, com uma profundeza inexcediveis. O seu espirito percorre facil e ligeiro tudo quanto é dado ao pensamento humano investigar, desde as mais simples noções das lettras faceis até ás ultimas transcendencias do alto saber, ás sciencias historicas, economicas e sociaes, a toda a litteratura, a toda a philosophia.

Nas lettras portuguezas contemporaneas, não ha um ponto onde a sua passagem não esteja brilhantemente assignalada. E' percorrer o theatro, a poesia, o romance, o jornalismo politico, o artigo ligeiro, a chronica noticiosa, o folhetim humoristico, a historia, a critica artistica, a litteraria, a scintifica. Sempre o mesmo engenho superior a assombrar-nos.

E para nenhuma riqueza de entendimento faltar a este homem tão magnanimamente dotado, até a musa da eloquencia o legitimou como seu filho dilecto.

Pinheiro Chagas é hoje, a par de um habil e erudito historiadador academico, um grande tribuno parlamentar.

MODAS

D'esta vez offerecemos ás nossas leitoras o figurino d'um chapéu, que é um modelo do *chic* parisiense.

Pequena capota touca, de tulle perlado, assente sobre transparente de seda. Aba virada em uma especie de rolo. Na frente, grande laço de fita picots, guarnecendo e excedendo a altura da copa.

Esta capota, que é a ultima palavra do bom tom parisiense, cobre apenas o alto da cabeça.

ERNST RUDORFF

Damos hoje o retrato do sr. Ernst Rudorff, o talentoso maestro allemão que dirigiu os ultimos concertos da Associação Musica Vinte e Quatro de Junho, em S. Carlos.

Rudorff nasceu em Berlim a 18 de janeiro de 1840; seu pae, lente de direito romano na universidade d'aquella capital, fel-o educar esmeradamente, destinando-o aos estudos universitarios, cujas aulas chegou a frequentar depois de ter feito todos os preparatorios. A sua inclinação para a musica era porém muito pronunciada e depois de repetidas instancias conseguiu obter a licença paterna para abraçar a carreira artistica que o seduzia. Recebeu lições de Clara Schumann, a insigne pianista viuva de Roberto Schumann, e de 1859 a 1862 frequentou o conservatorio de Leipzig; ahí, teve por mestre de piano Ignacio Moscheles, e por mestre de composição Hauptmann e Bietz. Em 1863 foi convidado por Fernando Hiller, director do conservatorio de Colonia, para ir exercer o professorado n'aquella escola e dirigir as sociedades de concertos instrumentaes e orpheonicos. Abandonou esta posição em 1869, quando se fundou a «Hochschule für Musik» — Alta escola de musica — onde veio a ser um dos quatro directores e chefe da secção de estudos de piano. No exercicio d'este ultimo logar teve ultimamente por discipulo Rey Colaço, devendo-se á calorosa e tão perfeitamente justificada recommendação do nosso talentoso compatriota, a presença entre nós do seu insigne professor.

Ernst Rudorff tem escripto muito e as suas composições são estimadas na Allemanha; entre ellas figuram: romanças para canto, coros, peças e estudos para piano, um sextetto para instrumentos de cordas, duas aberturas e variações para orchestra, etc.

Artista de coração, entusiasta fervoroso pelo progresso e desenvolvimento da sua arte, recebeu com alvoroço o convite de vir ao extremo do occidente concorrer para se diffundir o gosto pela boa musica. Dos sacrificios que fez, abandonando por algum tempo os seus logares officiaes, a sua clientella particular, o seu

paiz, a sua familia, julgou-se elle completamente pago com a boa vontade dos nossos artistas e com o bom acolhimento do publico lisbonense.

A LEITURA DA BIBLIA

Findo o jantar, a familia toda reuniu-se na grande sala, em volta do fogão, onde crepitava um fogo intenso que docemente temperava o ambiente, fazendo desaparecer o frio cortante produzido pela neve, que se amontoava nos peitoris das janellas e cobria com um espesso lençol de prata os telhados das casas e o pavimento das ruas.

A menor viração sacudia do arvoredado innumerables flocos crystallinos, que iam açoutar a cara dos transeuntes e fazel-os caminhar um pouco mais ligeiros em busca do temperado concheço do lar domestico, onde eram esperades pelo suave affecto da esposa e pela turbulenta alegria dos filhos.

E' de inverno que se deseja ser rico. O verão é inquestionavelmente o pae dos pobres; o calor suave, a riqueza da vegetação, os melodiosos cantares das aves e dos insectos, dissipam todas as negras tristezas e fazem entrar a alegria no coração ulcerado pela dôr.

A fome parece menos cruel, e o pobre, esquecendo os pezares, as amarguras da vida, a miseria da esposa e dos filhos, canta ao desafio com os rouxinões e as cotovias, sob os ardentes raios do nosso sol de fogo, aspirando o aroma embalsamado das madresilvas e das boninas, que lhe dá a suprema embriaguez da felicidade. Mas com o inverno vem todos os males.

O frio cortante reclama um accrescimento de roupa superior aos recursos pecuniarios do proletario.

O augmento de exercicio preciso para conservar a natural temperatura, vem reflectir-se n'um crescendo de alimento, e os filhos pedem mais pão, n'uma epocha em que o trabalho se paralysa e as chuvas ou as neves fazem surgir no lar do pobre a fome e a doença.

E' por isso que eu abomino o inverno, lembrando-me com amargura de todas as mil misérias que lhe são companheiras inseparaveis.

E quando me vejo sentado proximo do fogo, no ambiente santificado pelos affectos da familia, ouvindo lá fóra rugir a tempestade, ou a chuva açoutar furiosamente as vidraças, começo a pensar na crueldade da sorte, que a uns fez immensamente ricos, enquanto que a outros os privou do estrictamente necessario...

Mas estes pensamentos não eram decerto os que se revolviam no cerebro dos differentes personagens de que nos occupamos.

O chefe da familia, um rigido inglez *pur sang*, só pensava em que finalisára ao jantar a predilecta leitura do *Times*, não lhe restando, por tanto, para passar a noite, senão a musica feita pelas filhas ou a cadenciada leitura da Biblia, com pausas enfadonhas e commentarios soporificos. A esposa dormitava encostada ao espaldar da larga cadeira de couro, enquanto as filhas, duas louras creanças de olhos côr do ceu de verão, chilreavam proximo do piano.

Os irmãos, tres bellos adolescentes, folheavam um album de desenhos, olhando de travez para a porta da sala e encolhendo os hombros com signaes de profundo aborrecimento. Decerto estavam desejosos de que o pae lhes concedesse a liberdade para, sem receio, virem arrostar o frio exterior, pelo qual se viam claramente suspirar.

Talvez o theatro lyrico, ou o *club* com as suas partidas de bilhar e cavacos intimos, lhes sorrissem mais fagueiramente que o prosaico silencio que sobre elles cahia, como o mais pesado manto de chumbo.

Final, o pae resolveu-se a fallar.

Ameigou as filhas e pediu-lhes que fizessem alguma musica.

Uma d'ellas sentou-se ao piano e tocou um trecho da *Lucia*, que a irmã acompanhou, cantando.

Depois o velho reclamou o concurso dos filhos.

Vieram violinos e flautas, e organisou-se um concerto.

Entretanto, na sua cadeira de espaldar, a mãe continuava socegradamente a dormir, na doce beatitude dos justos... Terminada a musica, tudo recahi no pesado silencio, até que um dos rapazes fallou n'uma renhida partida de *cricket*, que houvera na vespera.

O pae informou-se, teve palavras sentenciosas, e acabou por aconselhar todos os jogos de destreza que dão agilidade, saude e força. N'isto, bateu o relógio 9 horas e os rapazes olharam uns para os outros desanimados.

O velho n'aquella noite não se lembrava de lhes dar a desejada liberdade, e elles estavam sobre brazas, n'um verdadeiro inferno. Quando um d'elles, falto completamente de paciencia, se resolvia a arrostar com a colera paterna, pedindo licença para se retirar, uma das irmãs, a um gesto do pae, foi buscar de ci-

ma d'uma mesa um espesso volume com rica encadernação de carneira e fechos de prata; era a Biblia.

A rapariga sentou-se aos pés do ancião e começou lendo suavemente o *Cantico dos Canticos*. Ante a doçura attrahente d'aquellas paginas commovedoras, cheias d'uma poesia virginal, mais realçada pela magia da avelludada voz da formosa ledora, todos ficaram silenciosos e subjugados. Terminado o capitulo, o dono da casa appreciou e interpetrou prosaicamente aquellas divinas poesias cheias d'um mimo natural e d'um perfume mais suave que o que se evola dos laranjaes em flor...

Citou opiniões de doutores celebres, enthusiasmo-se até ficar esalfado. Então, dando um beijo na filha e efugando-a carinhosamente, disse:

—Basta *Amy*, já estás cansada. Agora, teu irmão *Alfred* que continue.

O indigitado foi occupar o logar da irmã, com uma cara de martyr, que inspirava compaixão. Mal podendo disfarçar um bocejo, abriu o livro e começou lendo na primeira pagina a narrativa da lenda biblica da creação.

Antes de chegar ao fim da pagina, foi interrompido pelos commentarios paternaes, que todos, respeitosaente, ouviram em silencio. Logo que este terminou, *Alfred*, proseguiu:

«E da costella que tinha tirado de Adão, formou o Senhor Deus uma mulher que lhe apresentou;» e voltando duas folhas sem dar por isso, distrahidamente passou para a descripção da arca de Noé, continuando, imperturbavel:

«Ella era betumada por dentro e por fóra, tinha trezentos covados de comprido, cincoenta de largo, trinta de alto, e estava cheia de toda a especie de animaes...»

Porto.

EDUARDO SEQUEIRA.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas novissimas

(A José Maria da Graça)

Esta arvore brasilica não é boa por ser um animal—2—1.
Animal, adverbio, moeda—2—1.
Na cosinha esta greda é uma casca medicina!—1—1.
Homem, appellido, golpe—1—1.
No livro este vaso é uma moeda—1—2.

ORUOL.

Charadas em verso

D. Calino, fidalgo valente,
Como d'esta pedra não gostava,
Os moinhos arrojadamente
Com grande denodo conquistava.—1

Este moderno conquistador
Foi recebido com galhardia
E saudado com grande ardor
Em certa villa da Lombardia.—2.

Té bem formosa dama lombarda,
Pertencente á mais alta nobreza,
Lhe offortou riquissima alabarda,
Ornada co' uma planta chineza—1

De tanta gloria já fatigado,
D. Calino, o fidalgo immortal,
—Que com D. Tolice era casado,—
Des:ançar foi n'esta capital.

Se o leitor me prometter
Ter
Valor sem sentir fadiga,
Diga;

Que uma charada em berlinda,
Linda,
Eu p'ra si aqui retenho,
Tenho.

Quem n'este gen'ro soletra,
Lettra,
Aqui vé por minha fé,
—E' ?—1

Mas não haja,—isso era ferro!—

Erro,
Como amigo, dar-lhe aviso
Viso.

O resto,—já é prever!—

Ver
Póde, creia, n'uma... couve,
Ouvel!—2

E o todo, que é outra loiça,

Loiça;
Na Historia, vel-o-ha emfim,
Fim.

MATHEUS JUNIOR.

Decifrações

DAS CHARADAS EM VERSO: —Monteiro—Lacão—Cochichola.
DA CHARADA-MAPPA:—

Bu	ra	co
ra	bo	te
co	te	jo

DOS LOGOGRIPOS:—Negroponto—Pietermaritzburgo.

A RIR

Um juiz muito conhecido, que tem uma saude de ferro, foi ultimamente procurar o seu medico.

—O sr. em minha casa?! perguntou o medico, estupefacto.
—A minha saude começa a inquietar-me um pouco...
—De que soffre? da cabeça, do estomago, do coração?
—Graças a Deus, todos esses orgãos funcionam bem. Soffro apenas de insomnias... durante a audiencial!

Dialogo entre dois auctores dramaticos em perspectiva:

—E se nós fizéssemos uma peça, intitulada *A chuva?*
—Deus nos livre! Cairia todas as noites!

UM CONSELHO POR SEMANA

TINTA CARMIM

Carmim de boa qualidade....	0,22	gram.
Ammoniac liquido.....	65	"
Gomma arabica branca.....	1	"

Dissolve-se o carmin no ammoniaco e junta-se-lhe a gomma arabica.

Deixa-se a tintura em repouso até completa solução da gomma.

E' muito duradoira esta tinta.

OS DOIS AMANTES

Queriam-se muito. A sua afeição reciproca não havia nascido do acaso. Desde pequeninos, gostavam um do outro. Até á puberdade, era uma inclinação natural, depois transformou-se em amor.

Vivia ella na mesma rua em que elle morava, em Palma de Cima, ao Campo Grande.

Todas as vezes que o joven pedreiro saia para o trabalho pela manhã cedo, já ella estava ao portal. Sorriam-se um para o outro, frescos, alegres, expansivos e saudaveis; elle com os olhos

radiantes do prazer de a ver: ella, com os olhos humidos de ternura e duas rosas nas faces, que eram chupadas aos beijos gulosos, pelo namorado.

Apartavam-se emfim. Elle seguia para a cidade, ella ficava ao portal, afagando-o com o olhar. Como elles se amavam!

No trabalho elle era um rouxinol. Sabia mais cantigas do que cabellos tinha na cabeça. E que cantigas tão lindas! Lá vae uma para amostra:

Entre as nuvens fui deitar-me,
D'uma estrella fiz encosto,
Abraçei-me a uma d'ellas,
Cuidando ser o teu rosto.

Nos predios em construcção onde trabalhava, era o enlevo das sopeiras das habitações vizinhas. Mais d'uma lhe lançou olhares ardentes e fulminantes, como a pimenta da India que deitava nos acepipes. O pedreiro, maganão como todos os rapazes, ria-se e deixava-se adorar. Os corações das sopeiras derramavam-se como banha, mas elle não «caia». E' que nenhuma d'aquellas desmazeladas d'olho em alvo, guedelba hirsuta e grande pujança de seios e d'ancas, valia um só calcanhar da sua doce e ingenua Margarida do Campo Grande. Accrescia a circumstancia de que a sua bem amada nunca saíra do sitio e quasi que não conhecia a existencia dos guardas municipaes e dos policias civis.

Foram decorrendo os annos. O José fez-se um homem, e passou a official de pedreiro. Tinha então 20 annos d'idade e era um soberbo exemplar de operario. Forte musculatura, formosura varonil, bondoso e trabalhador, sem vicios, porque a sua alma simples andava preocupada desde muito com o seu intenso amor.

N'estas alturas ajustou-se o casamento entre os paes d'ambos e foi combinado que, achando-se elle sorteado, esperasse ainda um anno para ver se seria possivel livrar-se de soldado. Era uma imprudencia casar antes d'isso.

Com difficuldade se conformaram os dois amantes com esta decisão, apesar de reconhecerem a sua sensatez. Mas é certo que o amor não conhece raciocinios, barreiras, difficuldades. Proximo a dar o sagrado nó, aquelles dois corações sentiam-se irresistivelmente attrahidos um para o outro, com o fogo dos 20 annos. Devorava-os a sede ardente de provar as delicias desconhecidas, de unir alma com alma, de fazer das duas—uma só vontade, uma só mira, um só fim. E embora se diga que o melhor da festa é esperar por ella, parece que os amantes pensam d'outro modo: o esperar, para elles, é desesperar.

Decorreu quasi um anno e aproximava-se o periodo em que se livraria o José, de soldado, para o que tudo já estava combinado.

A casa para onde iriam residir, estava já mobilada: as roupas na arca, os quadros dos santos nas paredes, a louça de barro na cozinha; a conve, o cebolinho, a salsa, a herba cidreira para o chá, no quintal. O cortiço para as abelhas, defronte de um banco de pedra, ao fundo. Os muros esmeradamente rebocados. Uma frescura decal por toda a parte. Em cada pincelada revelava-se o cuidado do José no preparo do seu ninho d'amor.

O rapaz andava maluco de felicidade. Dos seus labios grossos e sensuaes, saíam beijos para toda a gente.

A Margarida não tinha ciumes. Era uma boa rapariga, gorda e clara, de carnação sadia: muito meiga e apaixonada devéras pelo juvenil operario, mas tranquilla na posse absoluta d'esse amor, que nem a sombra de uma suspeita vinha manchar.

Não ha felicidade completa n'este mundo. Os calculos mais simples e mais logicos são ordinariamente destruidos pelo acaso. Fatal condição da humana especie.

Ao fim de uma tarde fresca e perfumada pelo aroma dos pinheiros, estava sentada á porta da casa paterna, a noiva do pedreiro, esperando o. Mas, fez-se noite e elle não appareceu. Fez-se mais noite ainda, e os passos que resoavam ao longe não tinham o som particular dos do ente querido.

—Que lhe succederia? Jesus, Maria! murmurava baixinho e tremula a pobre creança.

Ah! o amor é uma grande cousa. Graças a elle, o homem

pobre tambem se permite o luxo de ter quem suspire por elle á janella ou á porta de uma cabana, quando volta do trabalho. E as mãos asperas da cal e do barro encontram quem as tome com frenesi e as estreite com delicia, como se estivessem calçadas de irreprehensivel «peau de Suède.»

Mas o rapaz não apparecia. Então a Margarida, com um presentimento lugubre, foi communicar á mãe os seus receios.

—Sucedeu-lhe alguma desgraça! minha mãe.

—Agora! Estas raparigas quando namoram...

Mas não acabou a phrase, porque uma forte argolada fez vibrar a porta.

A Margarida correu a abrir, e immediatamente precipitou-se para o meio da casa uma mulher louca de dôr, gritando, com os olhos em lagrimas:

—Ail! Margarida! Que grande desgraça! O José, o meu rico filho, caiu de um andaime nas obras e foi para o hospital.

A Margarida teve de se amparar a uma mesa para não cair redondamente no chão; e cambaleando, dirigiu-se para a caixa, tirou um chale, lançou-o pela cabeça, e agarrando-se á mãe do rapaz, disse-lhe em tom breve:

—Vamos. Talvez já seja tarde.

E as duas precipitaram-se na escuridão da noite, caminho da cidade.

Não fallavam, voavam. De vez em quando, um soluço cortava a solidão sinistra da estrada.

Chegaram ao hospital, perto da meia noite, mas não as deixaram penetrar. Deitaram-se de joelhos diante do porteiro, beijaram-lhe os sapatos e as mãos, mas elle foi inflexivel. O pobre homem nada podia fazer. Condoído, porém, de tamanha afflicção, consentiu em mandar saber á enfermaria o estado do doente.

A resposta foi terrivel: tinha expirado. Partira a espinha dorsal quando caíra.

A Margarida quando tal ouviu, caiu desamparada no chão, sem sentidos. Levaram-na para o banco e o medico assistente depois de a examinar e de a fazer tornar a si, e tendo ouvido que pertencia ao rapaz que acabava de morrer, disse com a maior ingenuidade para a Margarida:

—A noticia da morte de seu marido, accelerou-lhe o parto. Vae ter um aborto, e é preciso que entre immediatamente para a enfermaria.

E como a mãe do José olhasse muito espantada para o medico e lhe perguntasse n'um tom indiscriptivel:

—Pois esta rapariga está...?

—De seis mezes, minha rica! respondeu o medico com a maior naturalidade, sem perceber o espanto da boa mulher.

A pedido da Margarida, o medico consentiu que a mãe do José a acompanhasse.

N'essa mesma noite ficava ella livre do que trazia clandestinamente nas profundidades do seu ser. Mas o seu estado era melindroso.

Ao meio dia realisava-se o enterro do rapaz, saindo a mãe para o ver pela ultima vez.

A carruagem, que levava o caixão do infeliz pedreiro, tinha que atravessar o pateo para onde davam as janellas da enfermaria em que se achava a Margarida. A pobre rapariga sabia que aquella a hora de sair o corpo e ao sentir a carruagem e vendo as outras doentes aproximarem-se de uma janella, saltou do leito, em fralda e descalça, e agarrando-se ás camas, aproximou-se de uma janella e olhou.

Esteve muito tempo n'esta posição, a chorar. Veio arrancal-a aos seus pezares uma exclamação de surpresa da enfermeira, que a obrigou a metter na cama. Mas o resfriamento que tinha apanhado, operou rapido. Em breve veio o delirio, a febre puerperal, e no fim de tres dias, morria, rodeada da familia, sem conhecer ninuém.

—Coitadinha! Subiu-lhe o parto á cabeça! diziam as outras doentes em volta do leito mortuario, sem suporem que estavam lanceando os corações dos paes de Margarida.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados os direitos de propriedade litteraria e artistica



ERNST RUDORFF